

Dora Kramer*

As urnas testarão as escolhas de Lula e Bolsonaro

O “dedazo” eleitoral de Luiz Inácio da Silva (PT) funcionou há 16 anos quando conseguiu eleger e reeleger Dilma Rousseff (PT) presidente, mas nem sempre o método da união deu certo.

No final dos anos 1990, a imposição de uma aliança com Anthony Garotinho (então no PDT) marcou o início da derrocada do PT no Rio de Janeiro, da qual o partido não se recuperou. Garotinho se elegeu e rompeu; em 1998 o pedetista Leonel Brizola foi vice de Lula e a chapa perdeu no primeiro turno.

A dinâmica da decisão unilateral de líderes agora se repete nas duas pontas do espectro ideológico. O presidente fez valer sua vontade na disputa pelo governo de São Paulo e caminha para conseguir o mesmo em Minas Gerais, com a anuência relutante do senador Rodrigo Pacheco (PSB). O antecessor, Jair Bolsonaro (PL), ungiu o filho mais velho candidato sem consultar os correligionários.

Ambos têm força nos respectivos partidos para decidir em nome deles. Antes de se dar o cenário como consolidado, resta saber se eles terão tido perspicácia sufi-

ciente para compatibilizar suas ofertas com as demandas do eleitorado. Fernando Haddad (PT) carrega o capital da legenda, para o bem e para o mal. Já Pacheco é solução improvisada à falta de petistas de peso em Minas.

Flávio Bolsonaro (PL) tem ido bem na largada a bordo do sobrenome, mas como o que importa é ter sucesso na chegada, por ora ele ainda está na antessala das incógnitas. Não se sabe se terá estofado para convencer como presidente nem se atrairá o centro vestido em pele de cordeiro ou se sustentará o embate de ideias nos debates.

A entrada de Ronaldo Caiado (PSD) em cena para brigar por uma vaga no segundo turno e a corrida por fora de Renan Santos (Missão), que alia conservadorismo à representação do candidato antissistema, dão à corrida eleitoral um toque de charada a ser desvendada: terão feito os grandes chefes as escolhas certas ou faltou a eles uma melhor escuta sobre o que deseja dizer a voz das ruas quando chegar a vez das urnas?

*Jornalista e comentarista de política

Paulo César de Oliveira*

A importância de um vice-presidente

Lula confirmou Alckmin como seu vice na disputa eleitoral deste ano, quando o petista tenta seu quarto mandato presidencial no voto direto. Lula já é o presidente com maior tempo no cargo conquistado pelo voto direto. Vargas, somando o período ditatorial, chegou aos 19 anos no poder, sendo o presidente que mais tempo permaneceu no cargo.

Bem, mas o que isto tem a ver com o fato de Lula ter escolhido novamente Alckmin como seu companheiro de chapa? Este é o tema que queria abordar neste espaço. Lula, em seus três mandatos, fez escolhas sábias de seus companheiros, pessoas que poderiam ter chegado à presidência, como seus substitutos caso houvesse ocorrido algum impedimento legal ou mesmo morte no exercício do mandato. Como aconteceu com Tancredo, substituído por Sarney.

Com Collor de Mello, que sofreu impeachment e foi substituído por Itamar. Ou como aconteceu com Dilma mais recentemente, substituída por Temer. Mas substituições assim vão se tornando mais comuns por corrupção, o que é lamentável, especialmente em governos estaduais e municipais. Não são poucos os casos recentes de cassações de políticos por corrupção. Não podemos nos esquecer, porém, que a política é dinâmica poucos são os que entram e se dispõem a sair por entenderem que cumpriram sua missão, deixando sua marca.

Quem entra quer ficar e a busca de um novo mandato é, em época eleitoral o motivo de tantas renúncias, de tantas empregas dos cargos para seus vices. Sair para ficar é a motivação. E é nesta possibilidade que o eleitor deve pensar ao definir seu voto. Quase ninguém pensa em “quem é o vice” ao se decidir pelo voto num candidato a prefeito, governador ou presidente.

Poucos são os que se lembram de que o vice pode vir a ocupar o cargo principal em praticamente todo o mandato, como em acontece agora, em Belo Horizonte com o prefeito Álvaro Damião. Entre nós o que acontece é que a escolha do vice raramente, muito raramente mesmo, se dá por sua competência, por sua capacidade de exercer o cargo numa emergência.

Se os partidos não consideram a competência como fator principal na escolha de um vice, cabe ao eleitor pensar na possibilidade de uma eventual substituição do eleito. Lula deu mostras de que pensa na importância de ter um bom vice. Um companheiro competente para o caso de substituição e leal durante o governo. Que os demais candidatos pensem bem quando forem fechar seus acordos políticos. E o eleitor também.

*Jornalista e diretor-geral da revista Viver Brasil

EDITORIAL

Uma corrida à lua com marcas inéditas

A missão Artemis II representa mais do que um avanço tecnológico: ela simboliza uma mudança profunda na forma como a humanidade se enxerga no espaço. Ao retomar a exploração tripulada da órbita lunar após mais de meio século, o programa não apenas revisita um feito histórico, mas redefine quem participa dessa conquista. Pela primeira vez, uma mulher, uma pessoa negra e um astronauta não norte-americano estarão juntos em uma missão ao redor da Lua. Esse ineditismo não é mero detalhe: é um marco civilizatório.

Durante décadas, a exploração espacial foi marcada por uma narrativa restrita, protagonizada majoritariamente por homens brancos de uma única nacionalidade. Ainda que esses feitos tenham sido extraordinários, eles não refletiam a diversidade da população terrestre. Artemis II rompe com esse padrão ao projetar uma imagem mais plural da humanidade. Ao fazê-lo, inspira novas gerações a se reconhecerem como parte legítima da ciência, da tecnologia e do futuro fora da Terra.

A presença de uma mulher nessa missão reforça a luta histórica por igualdade de gênero em áreas tradicionalmente dominadas por homens. Já a inclusão de um astronauta negro ressignifica um passado de exclusão, mostrando que o acesso ao conhecimento e às oportunidades pode, e deve, ser ampliado. Por sua vez, a participação de

um integrante não norte-americano aponta para uma necessária cooperação internacional, essencial para os desafios complexos da exploração espacial contemporânea.

Mas a relevância de Artemis II vai além do simbolismo. Trata-se de um passo crucial na preparação para o retorno humano à superfície lunar, algo que não ocorre desde o século passado. A missão servirá como teste para sistemas de navegação, comunicação e suporte à vida em um ambiente de espaço profundo, validando tecnologias que serão indispensáveis para futuras expedições. Sem esse ensaio em órbita lunar, qualquer tentativa de pouso seria significativamente mais arriscada.

Mais do que um voo ao redor da Lua, Artemis II é uma declaração de princípios. Em um mundo frequentemente marcado por divisões, a missão sugere que o futuro da humanidade depende da colaboração e da representatividade. O espaço, afinal, não pertence a um país ou grupo específico: ele é um patrimônio comum.

Ao olhar para o céu e acompanhar essa jornada, não veremos apenas uma nave cruzando o vazio. Veremos a materialização de um ideal: o de que o progresso científico deve caminhar lado a lado com a inclusão. Artemis II nos lembra que explorar o desconhecido também exige coragem para transformar o conhecido — inclusive nossas próprias estruturas sociais.

Opinião do leitor

Pentecostes

Nós continuamos a celebrar e a viver a Páscoa até Pentecostes. O Tempo Pascal é estendido por mais cinquenta dias até o domingo de Pentecostes. Neste período são celebradas três grandes festas: a Páscoa ou Ressurreição, a Ascensão e a Descida do Divino Espírito Santo (Pentecostes).

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: PARTIDO DEMOCRÁTICA VIRA OPOSIÇÃO AO GOVERNO DE SÃO PAULO

As principais notícias do Correio da Manhã em 7 de abril de 1931 foram: União Aduaneira austríaca-alemã pode fazer o acordo naval franco-italiano não acontecer de fato. Família Real Britânica

recebe jornalistas para uma conversa, no Copacabana Palace. Isabel de Orleans e Bragança se casa com Henrique, o Conde de Paris, em Palermo, na Itália. Partido Democrático vira oposição em São Paulo

HÁ 75 ANOS: CÂMARA DEBATE PROPOSTA DE MINORIA E MAIORIA PARLAMENTAR

As principais notícias do Correio da Manhã em 7 de abril de 1951 foram: Ainda é grande a ameaça de uma nova guerra mundial, pelos reflexos do conflito na Coreia. Boatos de paz entre Aliados e chineses

rondam os ciclos de bastidores no noticiário. Tentativa de revolução militar na Costa Rica é controlada. Câmara debate proposta de emenda para grupo de maioria e minoria parlamentar.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Nilmar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sá e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo - SP - CEP 05001-200

Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas - SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.